

**DE SOL A SOL: REFLEXÕES SOBRE A VIVÊNCIA DO CLIMA  
URBANO ATRAVÉS DA ROTINA LABORAL DAS(OS)  
VARREDORAS(ES) DE RUAS DE PRESIDENTE PRUDENTE – SP**

**FROM SUNRISE TO SUNSET: REFLECTIONS ABOUT  
EXPERIENCING THE URBAN CLIMATE THROUGH THE  
LABOR ROUTINE OF THE STREET SWEEPER(S) AT  
PRESIDENTE PRUDENTE – SP, BRAZIL**

**DE SOL A SOL: REFLEXIONES ACERCA DE LA EXPERIENCIA  
DEL CLIMA URBANO MEDIANTE LA RUTINA DE TRABAJO DE  
LAS/LOS BARRENDERAS/OS DE LA CALLE EN PRESIDENTE  
PRUDENTE – SP, BRAZIL**

**Lidiana de Pinho Mendes<sup>1</sup>**

*analidiapinho@hotmail.com*

**José Tadeu Garcia Tommaselli<sup>2</sup>**

*Tadeu@fct.unesp.br*

**Resumo**

O presente artigo buscou compreender a relação de vulnerabilidade que as(os) varredoras(es) de ruas enfrentam em suas jornadas laborais, com ênfase nas mazelas resultantes do desconforto térmico e da exposição prolongada aos elementos atmosféricos. Levantamentos bibliográficos, entrevistas e “observações livres” do cotidiano laboral destas(es) trabalhadoras(es) foram as ferramentas para qualificar a discussão. Os resultados indicaram a existência de “bloqueios” que impedem que as(os) varredoras(es) manifestem a realidade de suas rotinas laborais. Constatou-se também um quadro de não reconhecimento da condição de vulnerabilidade, seja por indivíduos próximos a estas(es) varredoras(es), seja pela própria CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas).

**Palavras-chaves:** Varredoras(es) de ruas, Presidente Prudente – SP, insalubridade térmica, meio ambiente de trabalho, clima urbano.

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de Bacharelado em Geografia da FCT/UNESP campus de Presidente Prudente/SP. Bolsista FAPESP com projeto vinculado ao Centro de Estudos e Pesquisas do trabalho Ambiente e Saúde (CETAS).

<sup>2</sup> Professor Doutor do curso da Graduação e Pós Graduação da FCT/UNESP Presidente Prudente/SP, vinculado ao Departamento de Geografia da mesma unidade.

**Abstract**

This paper tries to understand the vulnerability relation that street sweepers undergo in their labor routines, emphasizing illnesses resulting from thermal discomfort and long expositions to the weather elements. Bibliographic survey, interviews and empirical analysis were the tools to qualify such discussion. The results had pointed out the existence of mental blocks that prevent the street sweeper(s) in express the realities of their labor routines. A scene of not-recognition of the vulnerability condition was find by individuals very close to this street sweeper(s), even by the labor laws of the country.

**Keywords:** Street sweeper(s), Presidente Prudente – SP, thermal insalubrity, labor environment, urban climate.

**Resumen**

El presente artículo buscó comprender la relación de vulnerabilidad que las/los barrenderas/os de la calle viven en sus jornadas de trabajo, haciendo hincapié en las heridas resultantes de la incomodidad térmica y la exposición prolongada a los elementos atmosféricos. Revisiones bibliográfica, entrevistas y análisis empíricos fueron las herramientas para calificar la discusión. Los resultados indican la existencia de barreras que impiden que las/los barrenderas/os manifiesten la realidad de sus rutinas de trabajo. Se constató un marco con una realidad en que no existe reconocimiento de la condición de vulnerabilidad de estas/os barrenderas/os, tanto por personas próximas a ellas/os como por la legislación de los trabajadores.

**Palabras claves:** Barrenderas/os de la calle, Presidente Prudente – SP, insalubridad térmica, ambiente de trabajo, clima urbano.

**INTRODUÇÃO**

O presente artigo corresponde aos avanços teóricos e aos resultados parciais do projeto de pesquisa intitulado “O clima como fator de risco da rotina laboral das(os) varredoras(es) de ruas de Presidente Prudente – SP” fomentado pela bolsa de iniciação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

A discussão proposta é de caráter interdisciplinar e tem como cerne as análises das mazelas resultantes de uma rotina de trabalho marcada, entre outros, pela exposição prolongada aos elementos climáticos adversos. A varrição de vias públicas de Presidente Prudente - SP é realizada em sua grande maioria por mulheres, este aspecto é relevante para a caracterização das singularidades que permeiam esta atividade laboral.

Ressalta-se que existe uma carência de referenciais teóricos que tratam de forma integrada as relações clima, trabalho e saúde, assim como carecem referenciais que direcionam suas análises para a rotina de trabalho das(os) varredoras(es) de ruas. Os referenciais que conjugam estas duas dimensões são extremamente escassos, para não dizer inexistentes.

A classe de trabalho estudada está inserida no âmbito do trabalho improdutivo, de acordo com Antunes (2005) “[...] a classe trabalhadora incorpora também o conjunto dos trabalhadores improdutivos, cujas formas de trabalho são executadas por meio da realização de serviços [...]”. O autor destaca que “estes trabalhadores são geradores de um antivalor no processo de trabalho capitalista e vivenciam situações objetivas e subjetivas que têm similitude com aquelas vivenciadas pelo trabalho produtivo” (Grifos da autora, ANTUNES, p. 51, 2005).

Como mencionado existe a predominância feminina na varrição. Antunes (2005) afirma que a mulher, é duplamente explorada pelo capital, tanto no espaço produtivo quanto no reprodutivo. Além de atuar crescentemente no espaço público, fabril e de serviços, ela realiza centralmente as tarefas próprias do trabalho doméstico, desta forma garante a esfera de reprodução societal, ou seja, a esfera de trabalho não diretamente mercantil.

Costa (2004) discorre sobre a natureza do trabalho simplificado e do trabalho simples e destaca como estas atividades foram relegadas às classes mais desfavorecidas:

Admitimos uma organização do trabalho complexo que isolou, num extremo, o comando puro; noutra a mais pura subordinação [...]. Atividades complexas são fragmentadas em atividades demais elementares [...] exigindo pouca ou nenhuma instrução técnica ou escolar. E quanto ao trabalho simples (varrer, lavar, embalar lixo, fazer camas) [...]. Ao invés de assumirmos todos, tornou-se hábito reservá-las aos pobres (Grifos da autora, COSTA, p. 38, 2004).

Silva menciona a relevância da realização da atividade de limpeza pública para o funcionamento das expectativas capitalista projetadas no espaço, de acordo com o autor: a “manutenção da ordem e de um contexto espacial/paisagístico limpo é fundamental para a realização da mais-valia” (SILVA, p. 48, 2016).

Santos (2002) diferencia os eventos naturais (aqueles que resultam do próprio movimento da natureza) dos eventos sociais ou históricos:

Os eventos sociais resultam da ação humana, da interação entre os homens dos seus efeitos sobre os dados naturais [...]. Os eventos naturais se dão em lugares cada vez mais *modificados* que alteram o valor e a significação dos acontecimentos naturais (Grifos da autora, SANTOS, p. 147, 2002).

Antunes (2005) destaca dois elementos marcantes de nossa época, de um lado, a destruição ou precarização, sem paralelos, da força humana que trabalha, e de outro, a

degradação crescente do meio ambiente na relação metabólica entre sociedade, tecnologia e ambiente. É imprescindível compreender o mundo do trabalho por intermédio do espaço geográfico (THOMAZ JUNIOR, 2005).

Latour sintetiza que “natureza e sociedade não são mais os termos explicativos, mas, ao contrário, requerem uma explicação conjunta” (LATOURE, p. 108, 1899, apud SANTOS, 2002, p. 101). Com o objetivo de assumir essa visão integrada, direcionam-se as análises para o município de Presidente Prudente-SP. O município, por sua vez, não difere dos demais no cenário urbano: rios e córregos canalizados, alterações das superfícies naturais cobertas por vegetação, impermeabilização do solo, dentre outros aspectos.

De acordo com Sant’Anna Neto (2012) no interior paulista (região que abrange o município estudado), na maior parte dos dias de primavera e verão, as temperaturas diurnas do ar oscilam entre 30°C e 35°C que somadas ao calor produzido e armazenado pelas coberturas de fibrocimento, podem superar os 45°C. O autor menciona que Presidente Prudente deflagra um quadro de aumento de dias quentes e diminuição dos dias frios:

[...] o total anual de dias cujas máximas foram iguais ou superiores a 30°C subiu de 150 para mais de 200, entre o final da década de 1960, quando comparado ao período posterior a 2000. Por outro lado, o total anual de dias frios, caiu de 80 a menos de 50, no mesmo período (SANT’ANNA NETO, p. 222, 2012).

A substituição da vegetação por áreas construídas (cimento, concreto e alvenaria), a pavimentação asfáltica das ruas, a concentração de parques industriais e o adensamento populacional, são, em conjunto, responsáveis pelo aumento da temperatura na cidade (SANT’ANNA NETO, 1998). “O stress térmico não causa apenas desconforto, mas é responsável também, pela formação de ambientes urbanos insalubres que afetam a saúde humana” (SANT’ANNA NETO, p. 222, 2012).

A habitação, o transporte e o trabalho, entre outros, são elementos do cotidiano que, para as classes mais desfavorecidas, podem apresentar elementos deletérios à saúde e ao bem-estar. Por se tratar de uma atividade intrínseca à paisagem e ao habitual da cidade, pouco se problematiza a condição de trabalho das(os) varredoras(es) de ruas. Observar visualmente suas rotinas de trabalho principalmente em dias sem nebulosidade e de altas temperaturas, causa de certa forma, uma inquietude.

As discussões que envolvem o direito a um ambiente de trabalho adequado ganharam notoriedade no campo disciplinar do Direito. A Geografia pode contribuir com esta discussão, principalmente dentro das óticas ambiental, territorial e dos estudos

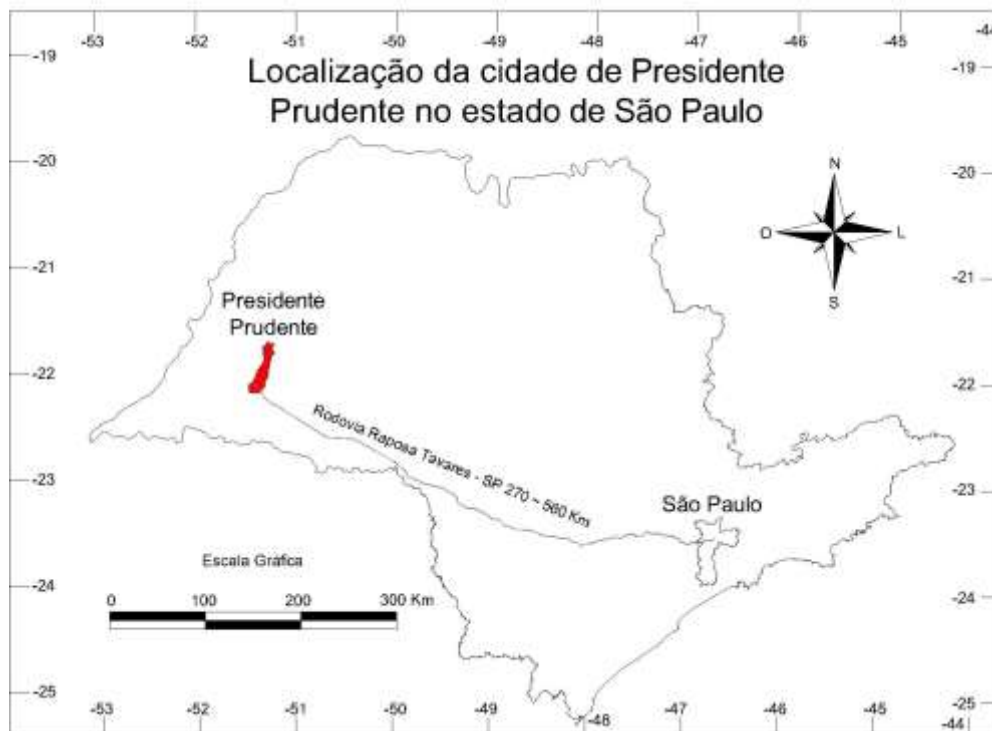
urbanos. Mas como falar em um ambiente de trabalho equilibrado, quando este espaço é o espaço urbano? Isso torna a discussão ampla e complexa, uma vez que, a dinâmica da paisagem, em muitos casos, é negligenciada em detrimento dos aspectos econômicos.

Por intermédio de levantamentos bibliográficos, apreensões visuais do cotidiano de trabalho em varrição e aplicação de entrevistas semi-estruturadas com uma varredora e com sujeitos próximos a esta, o presente artigo buscou compreender a rotina laboral das(os) varredoras(es) de ruas de Presidente Prudente – SP, com ênfase às interações deste grupo com os elementos atmosféricos.

### Área de estudo

Presidente Prudente-SP está localizada no Oeste do estado de São Paulo (Figura 1), à  $22^{\circ}07'04''$  de latitude e  $51^{\circ}22'57''$  de longitude Oeste, a altitude média é de 472m acima do nível do mar. Localiza-se no Planalto Ocidental Paulista.

**Figura 1.** Localização de Presidente Prudente em relação à cidade de São Paulo.



Fonte: IBGE, 2012. Org: Fernando Aparecido Rogério de Paiva.

O município é constituído essencialmente por colinas médias, amplas e morrotes alongados e espigões. As colinas amplas estão presentes na porção norte do município, nas

margens do Rio do Peixe. As colinas médias estão localizadas na extremidade sul onde se encontra o córrego do Cedro. Os morrotes e espigões são predominantes no município e abrangem cerca de 80% do território (AMORIM, 2000).

O regime é de clima tropical, alternadamente chuvoso e seco, e sofre influência da continentalidade. Situa-se numa área de transição entre os climas zonais controlados pelos sistemas tropicais, que lhe confere elevadas temperaturas de primavera e verão, e pelos sistemas extratropicais (massas polares) que ocasionam episódios de invasão das frentes frias e ar polar no outono e inverno, provocando baixas temperaturas (SANT'ANNA NETO; TOMMASELLI, 2009).

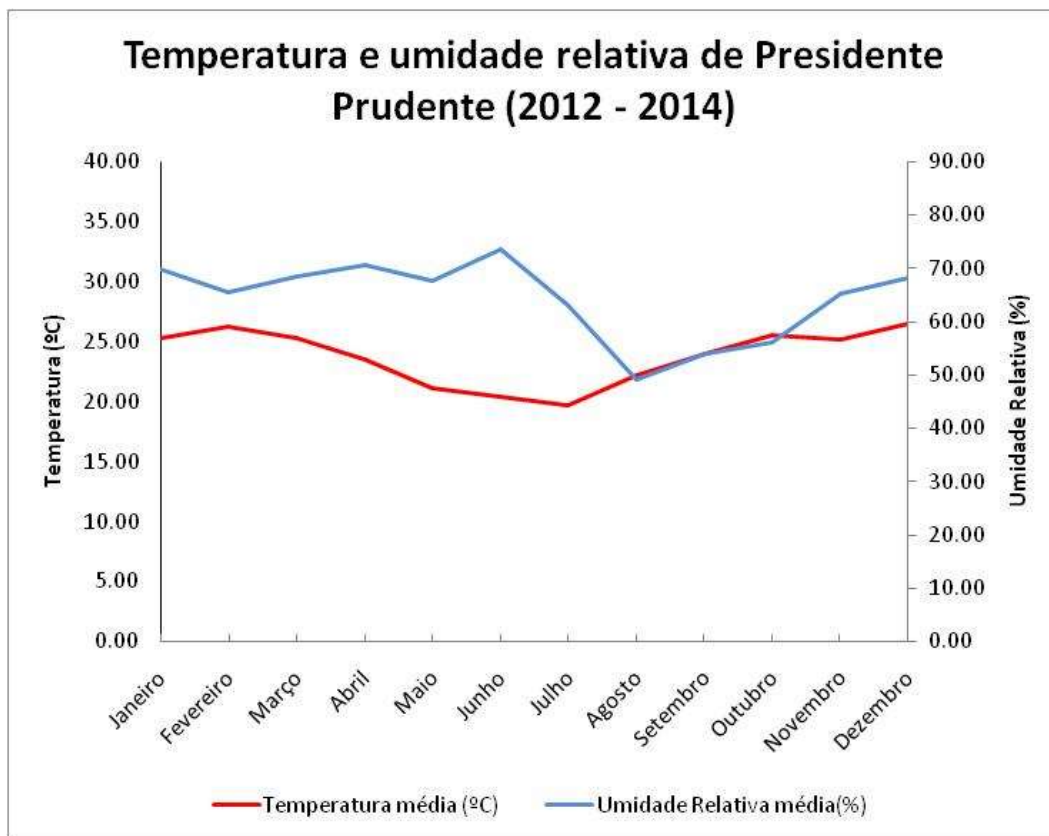
De acordo com Sant'Anna Neto (2005) a configuração do relevo e o efeito da continentalidade no Sudeste Brasileiro são fundamentais na determinação da diminuição da umidade e do aumento da temperatura da zona costeira, a leste, em direção ao interior, a oeste.

A região de Presidente Prudente, por estar no extremo oeste paulista, torna-se um campo de alternância dos sistemas tropicais e polares, mas dominado por massas de ar Tropical marítima. Entretanto, a participação da FPA (Frente Polar Atlântica) na gênese das chuvas é significativa, ficando a região sujeita a frequentes invasões e perturbações frontais, mesmo na primavera e no verão, quando as chuvas são mais frequentes e intensas (AMORIM, 2000).

A mesma autora destaca que o município apresenta umidade relativa não muito elevada variando em média entre 60% e 70% (figura 2) ao longo do ano, especialmente pelo efeito da continentalidade.

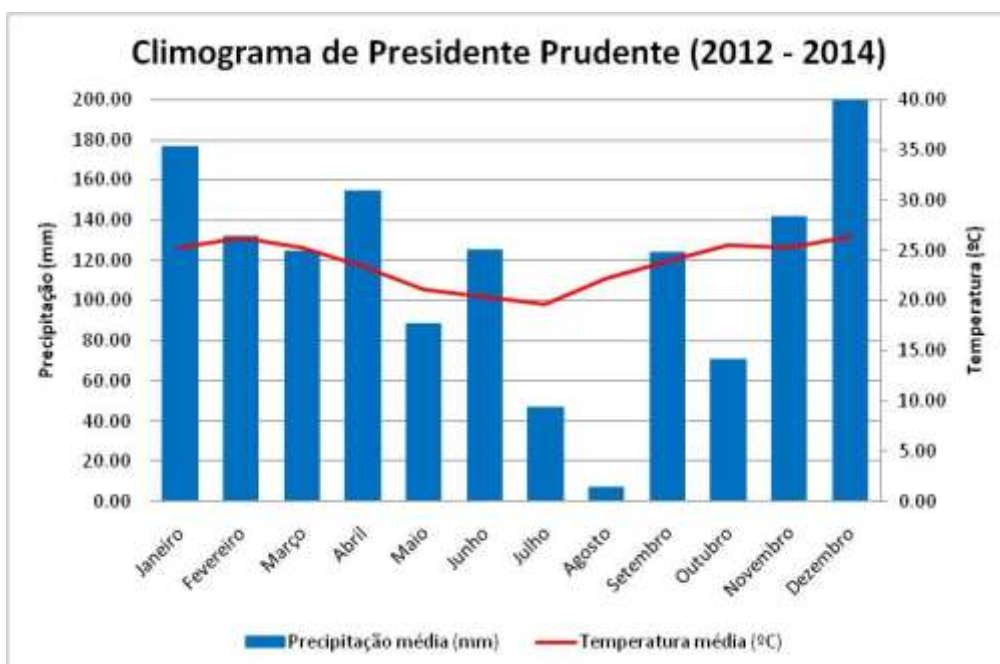
As figuras abaixo (figura 2 e 3) representam, respectivamente, a média de temperatura e umidade relativa do ar por mês de Presidente Prudente, em um intervalo de tempo de três anos (2012, 2013 e 2014) e o índice precipitação para este mesmo intervalo de tempo. Os dados foram disponibilizados pela estação meteorológica da cidade.

**Figura 2.** Temperatura e umidade relativa média de Presidente Prudente para o intervalo de 2012 – 2014.



Fonte: Dados da estação meteorológica de Presidente Prudente – SP. Org: Fernando Aparecido Rogério de Paiva.

**Figura 3.** Climograma de Presidente Prudente – SP para o intervalo de 2012 a 2014.



Fonte: Dados da estação meteorológica de Presidente Prudente – SP. Org: Fernando Aparecido Rogério de Paiva.

Conforme Amorim (2012), eventos de temperaturas elevadas que provocam desconforto térmico para a população de Presidente Prudente - SP são constantes e, dependendo das características intraurbanas, esses eventos são intensificados pela geração das ilhas de calor. Amorim (2000) identificou que o clima intraurbano de Presidente Prudente apresenta maiores temperaturas nas superfícies densamente construídas, principalmente em bairros populares onde as habitações possuem telhados de fibrocimento, com pouca ou nenhuma vegetação arbórea nas calçadas e quintais.

De acordo com Sant'Anna Neto (2005) mais de 90% do território que corresponde ao sudeste brasileiro se encontra sem a vegetação natural com o predomínio de uma variada gama de paisagens antrópicas. O autor destaca que as áreas dos principais centros urbanos desta região têm verificado elevação da temperatura entre 2° e 3°C nas últimas três décadas (SANT'ANNA NETO, 2005). Observa-se um aquecimento de 1,7 °C das temperaturas médias de Presidente Prudente - SP em menos de quarenta anos assim como afirmaram Amorim, Sant'anna Neto e Dubreuil (2009).

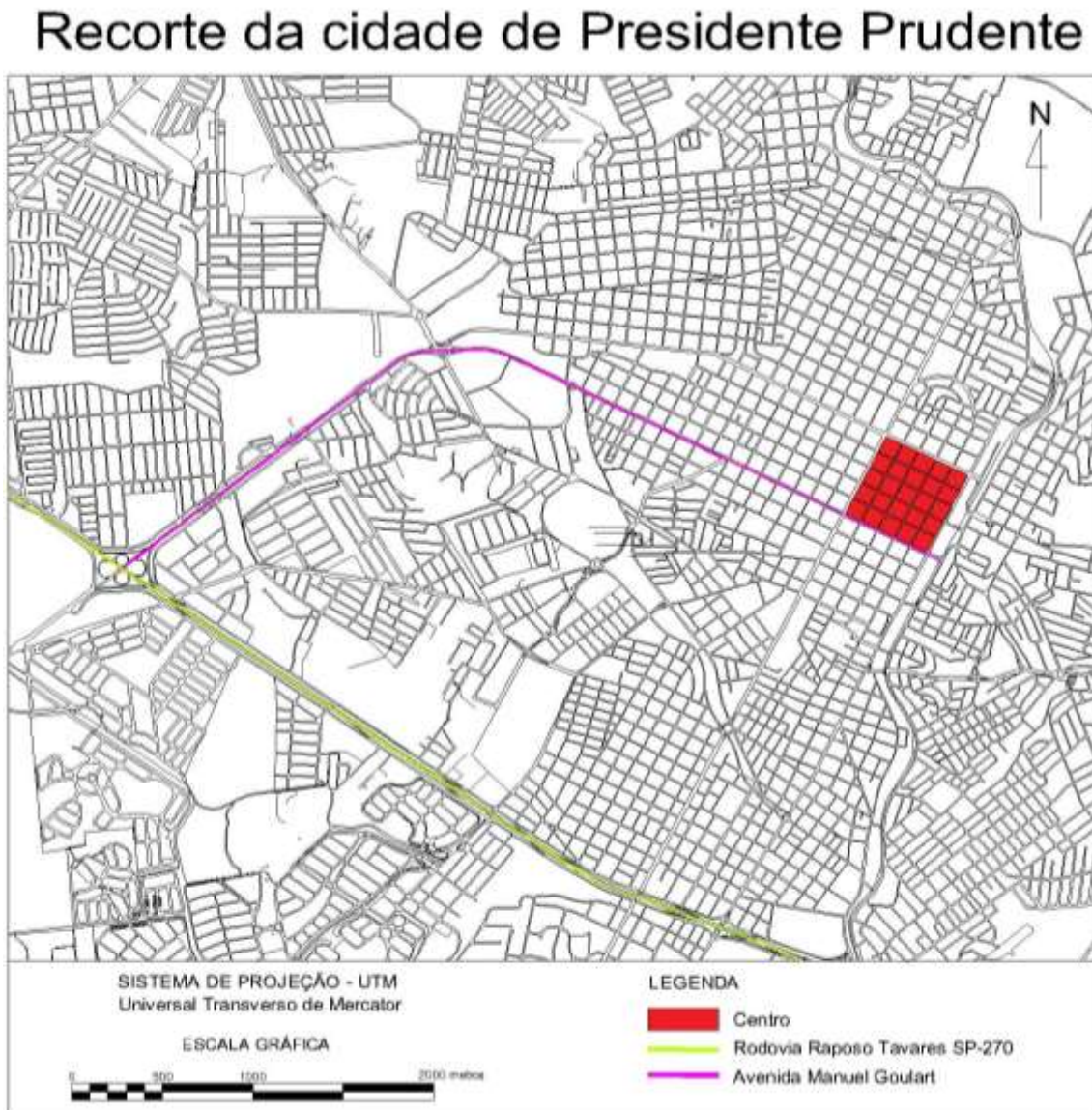
A área de estudo foi classificada pela *World Health Organization* (2002) apud Silva, Tommaselli e Correa (2007), local de altos níveis de radiação solar, com variáveis altas e extremas, portanto com risco potencial de desenvolvimento de diversas enfermidades relacionadas à exposição inadequada ao sol. Apenas a título de exemplo, pode-se citar aumento da incidência de câncer de pele e fotoenvelhecimento, ambos provocados pela incidência extrema de radiação UV.

De acordo com informações coletadas no site da empresa responsável pela atividade de limpeza pública da cidade (<http://www.prudenco.com.br/servicos>), existem 170 varredoras(es) de ruas empregadas(os), sendo que, 60% das(os) trabalhadoras(es) exercem suas funções no período diurno e 40% no período noturno. A atividade atinge toda a área pavimentada da cidade o que totaliza 380 km/eixo de rua.

As observações da atividade e entrevistas ocorreram no Centro da cidade, na Praça 09 de Julho (Figura 2). A área se caracteriza por ser totalmente urbanizada, solos impermeabilizados, vegetação esparsa, edifícios verticais em todo o seu entorno, alto fluxo de pessoas e veículos. De acordo com o site da empresa contratante, no Centro da cidade a varrição é diária e com repasses no mesmo dia.



**Figura 4.** Localização do Centro (ponto escolhido para observação da rotina laboral e aplicação das entrevistas).



Fonte: Carta topográfica de Presidente Prudente, 2015. Org: Fernando Aparecido Rogério de Paiva.

A partir dessa relação de dados em especial as características climáticas da cidade estudada considera-se imprescindível compreender de forma integrada os processos que comprometem o equilíbrio do clima urbano e a saúde dessa classe de trabalho.

## TRABALHO, CLIMA E SAÚDE

A degradação ambiental, assim como, a degradação da qualidade de vida e saúde do trabalhador estão inseridas no mesmo contexto. De acordo com Gonçalves “quando o

objetivo é acumular dinheiro, não há limites para a exploração do trabalhador e da natureza” (GONÇALVES, p. 128, 1989). Sabe-se que as transformações conduzidas no espaço visam melhor adapta-lo ao meio técnico-científico, em relação a isso, Santo afirma que:

O meio ecológico já é meio modificado e cada vez mais é meio técnico. Dessa forma, o que em realidade se dá é um acréscimo ao meio de novas obras dos homens a criação de um novo meio a partir daquele que já existia [...]. Esse processo de transformação, contínuo e progressivo, constitui uma mudança qualitativa fundamental nos dias atuais (Grifos da autora, SANTOS, p. 8, 1985).

Sant’Anna Neto menciona que:

Quando tratamos de áreas urbanas, o clima original é constantemente modificado pela construção do espaço urbano, uma vez que é alterado, entre outros fatores o balanço de energia, em função da concepção de cidade estabelecida pela civilização capitalista (SANT’ANNA NETO, p. 122, 1998).

Os sistemas urbanos são altamente complexos e desiguais. A atmosfera urbana é o produto da interação entre as variáveis do clima e os elementos socioeconômicos. Os diversos grupos sociais não experimentam nem se relacionam com o tempo e o clima urbano da mesma forma (SANTA’ANNA NETO, 2012). Em relação a isto, Costa relata como o seu referencial de “tempo bom” e “tempo ruim” se alterou a partir da experiência de vivencia da rotina laboral de limpeza urbana pública:

“Tempo bom” ou “tempo ruim” são expressões que podem designar tipos diferentes de experiência, falam de diferentes pontos de vista, comunicam diferentes lugares no mundo. O sol, o calor e o frio, a chuva, nas condições de trabalho desses homens, são para eles determinantes de preocupação e não fruição. É como se a natureza, ela própria, contasse diariamente como realidade opressiva (COSTA, p. 196, 2004).

Os fatores externos ao corpo humano estão no cerne de muitas das moléstias responsáveis pelo agravamento da saúde da população urbana, assim como afirmaram Sant’Anna Neto e Souza (2008).

Guimarães assevera sobre o papel da geografia na compreensão de problemas sociais que tenham claramente uma vinculação com a materialidade espacial e propõe como desafio desvendar as geograficidades que caracterizam a saúde humana (GUIMARÃES, p. 47, 2014). O homem tem a saúde como sua objetivação, tal objetivação se realiza na

produção do meio geográfico. O autor define saúde como a reprodução do espaço vivido (GUIMARÃES, p. 48, 2014).

A determinação do estado saúde-doença está imbricada nos riscos inerentes aos estilos de vida geradores de vulnerabilidade. O espaço pode conformar, material e imaterialmente, as relações de saúde-doença (NOSSA, 2008). Neste sentido, é necessário identificar que em larga medida a doença, a morte, a saúde e o bem-estar são socialmente produzidos. A doença não é apenas uma experiência física ou uma experiência psicológica, é também, uma experiência social, neste sentido:

O processo saúde-doença é determinado pelo modo como o homem se apropria da natureza em um dado momento, apropriação esta que se realiza por meio do processo de trabalho, baseado em determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas e relações sociais de produção (LAURELL 1983 p.157, Apud, PIGNATI, p. 323, 2013.).

A saúde do trabalhador está intrinsecamente ligada ao meio ambiente de trabalho. Para Coutinho (1998), o trabalhador pode contrair várias doenças em consequência da sua exposição às condições térmicas severas do ambiente. Outras doenças, ainda que em estado latente (como doenças cardiovasculares), podem vir a agravar-se em ambientes quentes, e por esta razão, tornam-se contra indicações.

Roriz (1987) apud Viana (2013) afirma que o conforto térmico está imbricado na satisfação psicológica e fisiológica de um organismo humano com suas atividades, vestimentas e com o ambiente construído, sem a necessidade da ativação do sistema de termorregulação para a manutenção do equilíbrio. Em relação a este processo Carvalho (2006) afirma que:

Cada atividade desenvolvida consome uma quantidade de energia proveniente do metabolismo. A liberação de calor pelo organismo humano dependerá da intensidade e do tempo que uma determinada tarefa exige. Assim, quanto maior o esforço despendido, maiores serão as necessidades de perda de calor para que o corpo consiga manter a sua temperatura constante, sob pena de ocorrer um aumento progressivo que poderia ser fatal (CARVALHO, 2006, apud, VIANA, p. 49, 2013).

Temperaturas altas provocam a incidência de choques térmicos, exaustão e câimbras pelo calor, o ar muito seco prejudica ou diminui o vigor físico e a disposição para o trabalho mental. (LACAZ, 1972). As principais doenças causadas por temperaturas elevadas são: hipertermia, tontura ou desfalecimento por déficit de sódio, por hipovolemia

relativa ou por evaporação deficiente, desidratação, doenças da pele, distúrbios psiconeuróticos e catarata (COUTINHO, 1998).

De acordo com Confaloniere (2003) o conceito de vulnerabilidade social de uma população tem sido utilizado para a caracterização de grupos sociais que são mais afetados por stress de natureza ambiental, inclusive aqueles ligados ao clima. Esta noção é definida com uma situação em que estão presentes três elementos interligados: a exposição ao risco, a dificuldade de adaptação da sociedade diante da ameaça ambiental e a incapacidade de reação dos grupos expostos aos riscos (MOSER, 1998, APUD, SILVA; TOMMASELLI; CORREA, 2007).

No trabalho de Costa (2004), assim como Silva (2016), foi evidenciado que os trabalhadores envolvidos com limpeza urbana não possuem o direito de conduzir suas ações laborativas da forma que avaliam mais adequadas. Os dois autores destacam que a exigência única deste serviço é o empenho braçal e os trabalhadores não participam do planejamento das atividades. É preciso considerar que este aspecto pode configurar vulnerabilidade, uma vez que o conhecimento oriundo das experiências destes(as) trabalhadores(as) poderiam contribuir sobremaneira para evadir situações insalubres.

Os elementos abordados neste capítulo sugerem um quadro de vulnerabilidade ambiental experimentado por essa classe de trabalho. No entanto, assim como serão destacados nos próximos capítulos, existe um ideário, compartilhado por diferentes dimensões sociais, que não reconhece a condição de insalubridade determinada pela varrição pública.

## **ADICIONAL DE INSALUBRIDADE**

De acordo com Padilha (2011) a Constituição de 1988 consolidou um novo paradigma de proteção ao “meio ambiente”, termo que em nenhum texto anterior, foi citado. O artigo 225 dessa constituição determina o direito de “todos” em usufruir de um meio ambiente equilibrado.

De acordo com o Artigo 189 da CLT:

Serão consideradas atividades ou operações insalubres aquelas que, por sua natureza, condições ou métodos de trabalho, exponham os empregados a agentes nocivos à saúde, acima dos limites de tolerância fixados em razão da natureza e da intensidade do agente e do tempo de exposição aos seus efeitos. (BRASIL, 1943).

Em contrapartida destaca-se a orientação jurisprudencial 173:

Ausente previsão legal, indevido o adicional de insalubridade ao trabalhador em atividade a céu aberto por sujeição a radiação solar (BRASIL, 1943).

Esta orientação manifesta o não reconhecimento legal das mazelas que uma atividade realizada a céu aberto, como varrição pública, pode proporcionar aos indivíduos envolvidos. Cabe ressaltar que as(os) dez entrevistadas(os) em pesquisa anterior, possuem seus respectivos turnos de trabalho, concomitante aos horários de maior irradiação solar (12h) e de altas temperaturas (entre 15h e 16h). O turno de trabalho de Rosângela não se difere.

Foi confirmado nas entrevistas (realizadas em estudos anteriores e no estudo atual) que a empresa responsável fornece protetor solar a todas(os) as(aos) trabalhadoras(es), o uniforme completo é obrigatório e fornecido pela mesma. Além disso, todas(os) afirmaram receber adicional de insalubridade no valor de 20%, assim como pode ser visto na figura abaixo.

**Figura 5.** Acordo coletivo de trabalho 2016/2017, para a categoria de varrição pública.

<b>3 - VARREDORES/MARGARIDAS</b>	
SALÁRIO	R\$ 972,14
INSALUBRIDADE 20%	R\$ 176,00
PRÊMIO	R\$ 92,52
<b>TOTAL</b>	<b>R\$ 1.240,66</b>

**Fonte:** <<http://www.siemacoprudente.com.br/Convencoes.aspx>>

Apesar de todas(os) acusarem o recebimento do adicional de insalubridade, nenhuma(um) entrevistada(o) conhecia o real motivo de receber este acréscimo, assim como pode ser constatado na entrevista de Rosângela:

Entrevistadora: Vocês recebem um adicional de 20%, ao que se refere?  
 Rosângela: Eu não sei. Acho que recebe quando não falta, quando faz bem o serviço (INFORMAÇÃO VERBAL, 2016).<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Entrevista realizada com a varredora Rosângela, gravada e transcrita. Doravante, “ROSÂNGELA, 2016”.

Fica evidente que o adicional é concebido como uma gratificação e não como uma compensação pela exposição a um determinado condicionante de insalubridade.

Existe uma ideologia que pressupõe que os EPIs (Equipamentos de proteção individual) são suficientes para proteger as(os) trabalhadoras(es) das situações rotineiras insalubres. Sinais de desconforto térmico como a rejeição as luvas, o arquiamento das mangas do uniforme e transpiração foram observados. Três varredoras(es) afirmaram em entrevista que o rosto fica exposto durante a atividade. Grande parte das(os) varredoras(es) não utilizavam o boné do uniforme e sim outros modelos de cobertura (por exemplo chapéu de palha) que julgam fornecer uma proteção mais eficaz.

Silva (2016) lembra que a eficiência da função protetora dos EPIs deve ser medida, também, pelo grau de conforto oferecido aos trabalhadores. O autor ao se referir aos EPIs dos coletores de lixo domiciliar da cidade em questão, assevera que “a proteção oferecida pelos EPIs [...] é parcial e não plenamente eficiente, pois proteção e desconforto são grandezas que se anulam [...]” (Grifos da autora, SILVA, p. 192, 2016).

Costa sintetiza o quadro de insalubridade que as atividades em limpeza pública urbana impõem aos trabalhadores:

A insalubridade deste trabalho começa pelas ferramentas inadequadas, agressões climáticas, o contato direto com o lixo e prossegue pelo desgaste físico acumulado em dias e anos de labuta. Tudo no ambiente de trabalho produz um sem-número de circunstâncias nada saudáveis. E esse corpo aviltado e continuamente ameaçado muitas vezes é o único meio de sustento de uma família inteira (COSTA, p. 205, 2004).

Oliveira (2014) afirma que a lógica da sobrevivência do modo de produção capitalista e da cultura consumista, leva o trabalhador a entregar sua saúde a quem melhor pagar por ela. Nos países do sul, assim como afirma Antunes (2005), os homens e mulheres disponíveis para o mercado de trabalho oscilam entre a busca quase inglória do emprego ou o aceite de qualquer trabalho. Com frequência o(a) trabalhador(a) cede parcela irrenunciável da vida, que é um bem que deveria estar indisponível.

## **PROCEDIMENTOS**

Em trabalho anterior foram realizadas entrevistas com algumas(uns) varredoras(es) assim, como pode ser visto em: “Trabalho e saúde, o clima como fator de risco da rotina laboral das varredoras de ruas de Presidente Prudente – SP” (MENDES; TOMMASELLI, 2015).

Os resultados da pesquisa mencionada apontaram para um cenário pouco revelador da dimensão dos efeitos deletérios a saúde, uma vez que, muito foi ocultado ou naturalizado pelas(os) trabalhadoras(es), até mesmo sintomas visíveis como manchas na pele. Este silêncio, que muito tem a dizer, é um aspecto fundamental para a compreensão das relações de trabalho que envolvem esta atividade laboral.

Devido a esta demanda que emergiu da própria realidade constatada, nesta nova etapa, foram realizadas cinco entrevistas com pessoas próximas as varredoras, conhecidas delas ou não. Também foi feita, como ensaio piloto, uma entrevista individual com uma varredora, além das apreensões visuais da atividade laboral e revisões bibliográficas.

De acordo com Trivinões (1987) observar, não é simplesmente olhar. A “observação livre” satisfaz as necessidades principais da pesquisa qualitativa, como por exemplo, a relevância do sujeito e do estabelecimento de pré-categorias para compreender o fenômeno que se observa.

A apreensão visual da atividade laboral consistiu no acompanhamento indireto do trabalho de varrição. Durante dois dias (11 e 12 de abril de 2016), no período vespertino. A observação constituiu-se na permanência em uma praça localizada no Centro da cidade (Figura 4) em um ponto favorável para a observação das varredoras.

Esta atividade permitiu identificar dois homens que convivem cotidianamente com as varredoras e possuem laços de afinidade com elas. Estes homens foram os alvos das entrevistas. Presumiu-se que eles poderiam ser potenciais interlocutores das mazelas desta rotina laboral, uma vez que na condição de proximidade, poderiam ter testemunhado experiências do cotidiano das varredoras.

Todavia, as entrevistas não tiveram os resultados esperados, as respostas não foram reveladoras ao que tangem as mazelas da atividade, pelo contrário, as respostas apontaram para um quadro de não reconhecimento dos dispêndios sofridos por estas trabalhadoras. Este fato impulsionou a ampliação das entrevistas com mais três pessoas (duas mulheres e um homem). Estas não conheciam as varredoras, mas estavam fisicamente próximas a elas.

O objetivo era compreender como o imaginário social identifica a atividade de varrição pública, questões relacionadas as sensações térmicas e avaliação da temperatura da cidade, também estavam no rol de perguntas.

A atividade de observação também possibilitou uma aproximação com uma varredora, de nome fictício Rosângela. A entrevista teve o objetivo de compreender as

sensações térmicas de Rosângela no decorrer de sua rotina laboral, dentre outras questões como a relação com os fiscais, o uniforme, etc.

Todas as entrevistas realizadas, tanto com as cinco pessoas quanto com Rosângela, se pautaram no modelo de entrevista semi-estruturada proposto por Trivinõs (1987). Este modelo, de um modo geral, parte de questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa e que em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que surgem à medida que se recebem as respostas do informante.

O dia escolhido para a realização da entrevista foi 12 de abril de 2016 e o horário de aplicação foi entre 14h e 15h. De acordo com os dados do INMET (Instituto Nacional de Meteorologia, disponível em: <http://www.inmet.gov.br/portal/>) as temperaturas da estação meteorológica da cidade entre este intervalo de tempo oscilaram entre 30,3° e 31,1°C, a umidade relativa do ar oscilou entre 52% e 41%.

Cabe ressaltar que as entrevistas mencionadas foram gravadas em um único arquivo de 11.7 MB, formato wma com duração de 16 minutos e 55 segundos. As entrevistas foram transcritas e estão em responsabilidade da autora.

## **RESULTADO E DISCUSSÃO**

### **HIPÓTESES DAQUILO QUE NÃO FOI DITO: “A NORMALIDADE SOFRENTE”**

A varredora Rosângela tem 68 anos e há 21 anos exerce a função. Em pesquisa anterior, cinco das(os) dez entrevistadas(os) possuíam idade acima de 40 anos. Outro elemento encontrado foi a naturalização dos sintomas, uma característica frequente nas entrevistas, em especial dores no joelho, perna e coluna.

Carloto (2003) identificou esse padrão de idade em seu trabalho sobre mulheres da categoria de asseio e limpeza. Segundo a autora essas mulheres apresentam muitos problemas de saúde que se juntam com outros problemas, como a menopausa. A não relação às situações concretas ou riscos evidentes, contribui para que a trabalhadora culpe a si mesma, ao seu corpo, ou atribua as doenças aos desgastes que ela considera naturais, como a idade.



A idade avançada, a pré-existência de algumas doenças ou a privação ambiental e/ou socioeconômica, incrementam a vulnerabilidade dos seres humanos aos eventos térmicos extremos (MONTEIRO, 2014).

A varredora evita demonstrar qualquer tipo de descontentamento com a rotina laboral. Alguns dos pontos que se destacaram na entrevista foram as falas afetuosas e a gratidão pelo trabalho. Como se evidencia no seguinte relato:

Já me aposentei. Mas o INSS me deixou continuar. Eu continuei trabalhando. Quem não se aposenta por invalidez pode continuar trabalhando, eu continuei trabalhando. Era o que eu sonhava. (ROSÂNGELA, 2016).

Outro aspecto observado foi a temperatura estar alta, (entre 30,3° e 31,1°C), a varredora apresentar sinais de desconforto térmico como suor e rejeitar as luvas. Mas, mesmo assim, afirmar não se importar e gostar do calor.

O trabalho de Costa (2004) é elucidativo das condições de subalternidade, invisibilidade, humilhação social, dentre outros elementos que permeiam as atividades de limpeza pública urbana. O autor menciona os mecanismos e os efeitos das relações hierárquicas e autoritárias presentes no cotidiano laboral: “as retaliações, a ameaça [...], o medo que promovem, intimidam, silenciam [...] mesmo descontentes, desgastados, com o corpo surrado, mantêm-se afinal calados” (Grifos da autora, COSTA, p. 182, 2004).

Devem ser destacadas as proposições desenvolvidas por Dejours (1999), que apontam para a existência de mecanismos psicológicos empregados em coletivo pelos(as) trabalhadores(as) para se protegerem do sofrimento padecido no trabalho. As estratégias de defesa, diz o autor, são sutis, cheias de engenhosidade, diversidade e inventividade, mas também encerram uma armadilha que pode se fechar sobre os que, graças a elas, conseguem suportar o sofrimento sem se abater.

A normalidade não significa ausência de sofrimento, muito pelo contrário. O autor propõe o conceito de “normalidade sofrente”, para designar o resultado alcançado na dura luta contra a desestabilização psíquica provocada pelas pressões no trabalho. Este mecanismo torna aceitável, o que não deveria ser, e funciona como uma estratégia defensiva que insensibiliza contra aquilo que faz sofrer.

Este mecanismo está atrelado à racionalização ideológica, quanto a isso Costa afirma que:

O fato de o trabalhador não recusar a segregação de funções, a baixa remuneração, os serviços degradantes, deve-se, sobretudo à nefasta informação da ideologia; informações que cancelam verdadeiros motivos históricos e forjam motivos apaziguadores pelos quais uma classe inteira de homens está a alimentar servilmente uma outra (COSTA, p. 161, 2004).

Outra característica que deve ser considerada é a essência do padrão de acumulação flexível. Este implica em níveis relativamente altos de desemprego e no controle excessivo da gestão do trabalho vivo (ALVES, 2011). Neste sentido, Dejours (1999) diferencia o sofrimento dos que não tem emprego e o sofrimento daqueles que trabalham. Afirma que o primeiro reforça o segundo e isto resulta em um processo de tolerância à injustiça. Estes aspectos contribuem para a ocultação das possíveis mazelas vivenciadas pelas(os) trabalhadoras(es).

As hipóteses levantadas podem representar um indicativo dos determinantes que condicionam as varredoras a não expor as realidades de suas rotinas de trabalho. Ressalta-se que a ampliação deste estudo deve ser realizada para desvelar essas realidades.

## **A INCAPACIDADE DE ALTERIDADE: NOTAS PARA POSSÍVEIS INTERPRETAÇÕES**

Foram realizadas cinco entrevistas com pessoas que estavam próximas das varredoras. Apesar de ser um número pequeno e ainda não constituir um padrão, arrisca-se algumas interpretações do que foi registrado.

Dois dos homens entrevistados demonstraram conhecer as varredoras. Quando questionados sobre como eles interpretavam a intensidade da atividade, responderam que consideravam uma atividade que oscilava entre moderada e leve. Estes dois homens afirmaram que estavam com calor naquele momento ao perguntar se a varredora sentia uma temperatura diferente da deles, ambos responderam que não.

Os(As) outros(as) três entrevistados(as) (duas mulheres e um homem) não conheciam as varredoras. O homem seguiu o padrão das respostas mencionadas acima, ou seja, considerou a atividade moderada e não distinguiu sua sensação térmica para a da varredora. Já as duas mulheres responderam que a atividade é pesada e a sensação térmica da varredora era diferente da delas; afirmaram que a varredora sentia mais calor.

As mulheres entrevistadas apresentaram um maior nível de alteridade, provavelmente por compartilharem experiências de atividades similares às das varredoras.

Em contrapartida os homens entrevistados demonstraram não discernir as dificuldades da atividade laboral em questão.

Entende-se por alteridade o contraponto da invisibilidade. É “a experiência de reconhecer alguém num outro”, é ultrapassar o véu ideológico que produz ideias autonomizadas e ocultam às divisões sociais, a exploração e a opressão (COSTA, p. 150, 2004), em relação a isto o autor destaca que:

O que vemos o que deixamos de ver, o regime de nossa atenção, é decidido segundo o modo como fomos colocados em companhia dos outros, segundo o modo como também nos colocamos e como eventualmente nos recolocamos em companhia (COSTA, p. 18, 2004).

De acordo com Gonçalves (1989) a ideologia dominante, pautada entre outros no machismo, forja que o “corpo-mulher” não é adequado ao trabalho por apresentar uma “natureza” frágil e emotiva. Por outro lado, o argumento da disponibilidade da força física, atributo que se acredita restrito aos homens, não se coloca para impedir que a mulher ocupe outros lugares sociais.

Conjuga-se a esta informação a concepção de que os trabalhos de limpeza, dentre outros que contemplam a esfera reprodutiva, fazem parte da “natureza” feminina. O resultado é a construção de um ideário em que os trabalhos desempenhados por mulheres são leves e sem riscos (CARLOTO, 2003).

Antunes (2005) destaca que a força de trabalho feminina tem sido incorporada em grande medida pelo capital no âmbito dos trabalhos part-time, precarizado e desregulamentado:

O capital [...] tem demonstrado capacidade de apropriar-se da polivalência e da multiatividade do trabalho feminino, da experiência que as mulheres trabalhadoras trazem das suas atividades realizadas na esfera do trabalho reprodutivo, do trabalho doméstico (Grifos da autora, ANTUNES, p. 57, 2005).

As entrevistas foram elucidativas da singularidade que permeia a atividade de varrição, ao que tange a questão de gênero como um elemento relacionado com o não reconhecimento das mazelas e dos efeitos adversos resultantes do cotidiano laboral destas mulheres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As(Os) varredoras(es) vivenciam em suas rotinas laborais, jornadas extenuantes de altas exposições aos elementos climáticos, que são intensificados pelo artefato físico criado pelo homem. Confaloniere (2003) destaca que o estudo da vulnerabilidade social e ambiental das populações sujeitas aos efeitos dos impactos climáticos na sua integridade física e bem-estar é de fundamental importância para a orientação de ações preventivas.

É preciso avançar esta discussão e compreender com mais profundidade os efeitos e mazelas que essa atividade laboral provoca nessas(es) trabalhadoras(es), para que se possa refletir sobre possíveis alternativas de melhorias e compensações.

No entanto, existem obstáculos no âmbito social que impedem que esta discussão avance no sentido de delimitação dos reais danos causados a essas(es) varredoras(es). Considera-se a questão de gênero como um ponto fundamental deste impedimento, assim como, as pressões do trabalho pautadas pelo medo do desemprego e a naturalização de sintomas adversos.

O imaginário social e a própria CLT (orientação jurisprudencial 173) não reconhecem, cada um à sua maneira, os dispêndios sofridos pelas(os) varredoras(es) em suas rotinas laborais em céu aberto.

Este estudo será ampliado com maior número de entrevistas que possibilitem identificar o imaginário que permeia esta atividade e que possa ser um contribuinte para a manutenção da invisibilidade das(os) varredoras(es). Há necessidade de ampliar os contatos com estas(es) trabalhadoras(es) e buscar uma metodologia que possibilite ultrapassar esta barreira tão bem consolidada que silencia estas mulheres que trabalham de sol a sol.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, G. **Trabalho e subjetividade – O espírito do Toyotismo na era do capitalismo manipulatório**. Editora Boitempo, 2011, São Paulo.

AMORIM, M. C. C. T. **O clima urbano de Presidente Prudente – SP**. Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_ **A produção do clima urbano em ambiente tropical: o exemplo de Presidente Prudente – SP**. Revista Geonorte, Edição especial 2, (52 – 64), 2012 (acessado em: 12/10/2014).

\_\_\_\_\_); SANT'ANNA NETO, J. L.; DUBREUIL, V. **Estrutura térmica identificada por transectos móveis e canal termal do Landsat 7 em cidade tropical.** Revista de Geografia Norte Grande, (65 – 80), 2009.

ANTUNES, R. **O caracol e sua concha – Ensaio sobre a nova morfologia do trabalho.** Editora Boitempo, 1ª edição, São Paulo, 2005.

BRASIL. Decreto-Lei n. 5.452, de 1.º de maio de 1943. **Consolidação das Leis do Trabalho.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del5452.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm)>.

CARDOSO, R. S., AMORIM, M. C. .C. T. **Características do clima urbano em Presidente Prudente – SP a partir de dados de temperatura e umidade relativa do ar e técnicas de sensoriamento remoto.** Revista do Departamento de Geografia – USP, Volume 28, (39-64), 2014.

CARLOTO, C. M. **Adoecimento no trabalho, as mulheres na categoria de asseio e limpeza.** Serviço social em revista, Londrina, 6 (1), (39 – 46), 2003.

CONFALONIERE, U. E. C. **Variabilidade climática, vulnerabilidade social e saúde no Brasil.** Revista Terra Livre, Vol. 1 N°20, (193-204), São Paulo, 2003.

COSTA, F. B. **Homens invisíveis: Relatos de uma humilhação social.** Editora Globo, São Paulo, 2004.

COUTINHO, A. S. **Conforto e Insalubridade térmica em Ambientes de Trabalho.** Edições PPGEP, 1998, João Pessoa – PB.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social.** Editora Fundação Getúlio Vargas, 1ª edição 1999, Rio de Janeiro.

GONÇALVES, C. W. P. **Os descaminhos do meio ambiente.** Editora Contexto, São Paulo, 1989.

GUIMARÃES, R. **Saúde – Fundamentos da geografia humana.** Editora UNESP (digital), São Paulo, 2014.

LACAZ, C. A. **Introdução à geografia médica no Brasil.** Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

MENDES, L. P.; TOMMASELLI, J. T. G. **Trabalho e saúde: O clima como fator de risco da rotina laboral da(o)s varredora(e)s de ruas de Presidente Prudente – SP.** Revista Geografia em Atos, edição especial, Vol. 2, nº2, 2015.

MONTEIRO, A. **O clima e a saúde na cidade do Porto, bons motivos para mudar de paradigma de qualidade de vida.** In: Org: SILVA, A. C; FIALHO E. S; STEINK, E. T. Experimentos em climatologia geográfica. Editora UFGD, 2014.

NOSSA, P. N. **Linhas de investigação contemporâneas na geografia da saúde e a noção holística de saúde.** In: A geografia e o contexto dos problemas de saúde. Org: BARCELLOS, C. Editora Abrasco Rio de Janeiro, 2008.

OLIVEIRA, J. O.; SANTANA, N. **Insalubridade e periculosidade laboral: Um olhar reflexivo sobre a tutela jurídica da saúde do trabalhador.** Anais do Simpósio de TCC ICESP, Brasília, 2014.

PADILHA, N. S. **O equilíbrio do meio ambiente do trabalho: Direito fundamental do trabalhador e de espaço interdisciplinar entre o direito do trabalho e o direito ambiental.** Revista TST (Tribunal Superior do Trabalho), Vol. 77, nº4, Brasília, 2011.

PIGNATI, W. **O processo saúde – trabalho – doença, os sindicatos e os desafios para a vigilância em saúde do trabalhador.** In: LOURENÇO, E. A. S; NAVARRO, V. L (org). **O avesso do trabalho III saúde do trabalhador e questões contemporâneas.** Editora Outras Expressões, São Paulo, ( 313 – 335), 2013.

ROSÂNGELA. **Entrevista.** [Abr. 2016]. Entrevistadora: Lidiana de Pinho Mendes. Presidente Prudente, 2016. 1 arquivo wma (16 minutos e 55 segundos). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita e de posse da autora do trabalho.

SANT'ANNA NETO, J. L. **Clima e organização do espaço.** Boletim de geografia, (119-131), 1998.

\_\_\_\_\_. **Decálogo da climatologia do sudeste brasileiro.** Revista brasileira de climatologia, Vol. 1, Nº1, (43-60), 2005.

\_\_\_\_\_. **O clima urbano como construção social: Da vulnerabilidade polissêmica das cidades enfermas ao sofisma utópico das cidades.** Revista brasileira de Climatologia (eletrônica), Vol. 8, 2007.

\_\_\_\_\_. **O clima como risco, as cidades como sistemas vulneráveis, a saúde como promoção da vida.** Cadernos de geografia nº 30/31 (215-227), Coimbra, 2012.

\_\_\_\_\_.; TOMMASELLI, J. T. G. **O tempo e o clima de Presidente Prudente.** 1ª edição Presidente Prudente: FCT UNESP, 2009.

SANTOS, M. **Espaço e método.** Editora Nobel, São Paulo, 1985.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção.** Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2002.

SILVA, J. V. R. **Invisibilidade social e saúde do trabalhador: Dinâmica territorial do trabalho na coleta de lixo domiciliar urbano em Presidente Prudente – SP.** Dissertação de mestrado em geografia, FCT/UNESP, 2016.

SILVA, A. C.; TOMMASELLI, J. T. G.; CORREA, M. R. **Meio ambiente e saúde humana: Variabilidade temporal da radiação ultravioleta e epidemiologia do câncer de pele na região do oeste paulista.** Publicado HYGEIA, Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde, 2007.

SOUZA, C. G.; SANT'ANNA NETO, J. L. **Geografia da saúde e climatologia médica: Ensaio sobre a relação clima e vulnerabilidade.** Revista Brasileira de geografia médica e da saúde – Hygeia (116-126), 2008.

THOMAZ JUNIOR, A. **Por uma geografia do trabalho! (Reflexões preliminares).** Revista Tamoios Vol. 1 n°1, 2005.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais.** A pesquisa qualitativa em educação. Editora Atlas S.A, São Paulo, 1987.

VIANA, S. S. M. **Conforto térmico nas escolas estaduais de Presidente Prudente – SP.** Dissertação de mestrado, FCT/UNESP, Presidente Prudente – SP, 2013.

#### **SITES CONSULTADOS**

<http://www.inmet.gov.br/portal/>

<http://www.ibge.gov.br/home/>

<http://www.siemacoprudente.com.br/Convencoes.aspx>

<http://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/index.xhtml>

<http://www.prudenco.com.br/servicos.php>

Submetido em: 15 de maio de 2016

Aceito em: 13 de julho de 2016